

ARTIGO

Nascer, crescer e morrer

Guardo na memória a imagem de um feto em vidro que vi por vez primeira numa feira de ciências de um colégio onde estudei os primeiros anos do ensino fundamental. Imagem que, naquele momento, assombrou e impressionou. Realidade que passa a ser conhecida.

Não a chamo descoberta, pois ela está aí presente em sua banalidade, já fomos feto e muitos outros serão, até que a conhecemos e reconhecemos como tal. O apelo é de que não façamos do nascer, crescer e morrer um processo medíocre e reducionista. Podemos ser e fazer muito mais do que um mero processo biológico.

Um rouba, maltrata, pilha, denigre, fofoca, mal-diz, odeia, inveja, fraqueja, agoura, suja, queima, condena, frustra, ilude, esbraveja; entorta o lápis só de escrever estas palavras. Outro ama, apóia, aporta, colabora, coopera, realiza, tolera, perdoa, inova, insiste, agrada, compreende, espera, planeja, trabalha. Ufa, que energia boa.

E que desperdício seria só nascer, crescer e morrer. Se a natureza é complexa, por que teríamos que ser tão simples. Mais ainda e conforme quis dizer no parágrafo anterior,

que lástima seria aproveitar mal esta oportunidade biológica.

Redigi este texto a partir do título, o que não é de costume. A proposta inicial era escrever algo sobre religião, ou melhor crenças, ou melhor convicções. No entanto, nada como tocar no assunto com distância referencial e proximidade ideológica, uma vez que sou chamado de cético para tudo, mas no fundo tenho alguma crença.

Ainda assim, é saudável olhar ao longe porque algo mais conseguimos enxergar lá no fundo. A minha crença é no potencial do povo brasileiro, no desenvolvimento do país, no fortalecimento das instituições e, principalmente, no que cada um pode fazer para que isto aconteça sem depender completamente de decisões alheias.

Dois características percorrem freqüentemente meus textos: uma é a favor da valorização do coletivo, que permite maior reconhecimento e respeito entre os cidadãos; outra é a percepção de que qualquer pessoa pode alcançar grandes e portentosas realizações, desde que queira, projete e se esforce.

Não é preciso estar no poder para apoiar a comunidade e ser um cidadão exemplar, nem na televi-

são para defender bons princípios e valores enquanto alguém chora por expurgo sentimental. O mundo precisa de pessoas poderosas e célebres de espírito.

Uns seguem o mero processo biológico de nascer, crescer e morrer. Reduccionismo da existência. Ou desperdício. A outros, porém, não lhes convém tamanha simplicidade evolutiva, senão que expandem o processo a fim de entendê-lo também como uma oportunidade de apoiar, cooperar, desenvolver, promover, realizar, sustentar, e mais.

Quanto a isto, penso no povo brasileiro e no país. Que orgulho tenho de ser brasileiro. Que inveja têm os outros povos de que sou brasileiro, pois me empurram a falsa crença de que é um país que não dá certo. Assim, não me resta outra alternativa senão ser otimista e divulgar o estado de ânimo.

Se a imagem do feto em vidro causa assombramento na infância, a apatia assombraria o restante do processo. Coisas que impressionam.

Bruno Peron Loureiro
é bacharel em Relações Internacionais – UNESP (Universidade Estadual Paulista).

ARTIGO

O Rojão



JOÃO ASMAR
Advogado

Uma das coisas que não me agrada, neste mundo, e pela qual tenho natural aversão, é o foguetório. Desde pequeno me intrigava o hábito de festejarem os Santos com tiroteio, fumo e fedorento.

Já vi muita gente ferida, machucada, mutilada com as explosões de bombas que estouraram, por antecipação ou por algum descuido.

Certa vez, quando se comemorava a vitória política de um determinado candidato, o principal responsável comprou um carregamento de foguetes e juntou um bando de fanáticos para soltá-los e espoucarem, num barulho ensurdecedor. Indagado porque isso acontecia, veio a resposta: “É o melhor meio de provocar ou humilhar o adversário”.

Por uma ou outra razão, não vejo nenhum proveito em soltar foguetes. Antes eles eram fabricados, por aqui mesmo, com canudos de cana do reino, cheios de pólvora, atados a uma varinha leve, tendo, na ponta, uma bomba. Ao se atear o fogo na pólvora, que queimava, havia o impulso e o foguete subia, fazendo barulho e deixando um rastilho, luminoso, no espaço. Os fogueteiros pagavam os meninos para correrem atrás dos rabos (as varinhas) para serem novamente utilizadas.

Depois, chegaram os “canudos” de papelão, manuais, que, por qualquer defeito, provocaram muitos acidentes.

Hoje, com freqüência, nas reuniões políticas, nos campos de futebol, em muitas comemorações, ainda utilizam o foguetório como manifestação de alegria, contentamento, ou de provocação. É um necivo esbanjamento de dinheiro.

Mas, do passado, guardo lembranças, boas e agradáveis, de um tempo que já está longe, e que as exposições pirotécnicas do fogueteiro Rogério Luiz

Moreira encantavam todos os moradores da pequenina Anápolis.

Acontecia, sempre, no último dia da novena da festa em honra ao Senhor Bom Jesus da Lapa, no primeiro domingo de setembro, de cada ano.

Durante vários meses, o artista, apaixonado pela arte pirotécnica, diligenciava, pedia, arranjava as coisas e, ao final, apresentava o seu espetáculo, que tornavam o amplo largo em volta da igreja, ainda sem casas construídas, muito pequeno para abrigar a multidão.

Rogério Luiz Moreira era um dos mais antigos moradores de Anápolis. Ele morreu na casa dos 100 anos. Ao começar o ano, Rogério saía, com humildade, mas determinado, a procura dos homens mais abastados ou remediados do lugar e lhes pedia ajuda para patrocinarem as peças que somente ele sabia fabricar e que encantava a todos. Foi, sempre, atendido.

As suas famosas “rodas de fogo” giravam, ora lentas, ora velozes, provocando espirais de todas as cores. Um eram douradas, outras rosadas, e muitas eram brancas, branquinhas, que clareavam à distância. Havia um tipo, em forma de corôa, que girava e, aumentando a velocidade, desgarrava-se da base e subia ao céu, deixando um rastro de prata, qual véu de noiva colossal, em forma de pirâmide, belíssima.

Eram lindos os “castelos” do Rogério. Alguns evocavam cenas religiosas, exibindo uma tela, com a figura de Cristo, pintada, desenrolar ao fundo de centenas de focos acesos, que mudavam de cores, mais claras para mais escuras, até o vermelho forte; evocavam o civismo, com figuras de vultos da nossa Pátria, ou a bandeira nacional, que desdobrava-se entre pontos de luzes verdes, azuis e amarelas.

Não faltava ao grande artista o engenho, que ele transformava nas mensagens de fé, de amor e de alegria.

Certa vez o velho Moreira, um tanto agitado, gaguejando, até, entendeu de fazer uma demonstração de combate entre um avião e um navio. Plantou, no largo, três coqueiros, já crescidos, que ali ficaram bem firmes, com distâncias regulares, e os ligou

com arame bem grosso. Por esses cabos os seus aparelhos, um avião de combate e um navio de guerra, percorriam, vomitando fogo, como se fossem tiros de metralhadora e de canhão, de um sobre o outro, em autêntica batalha naval. O avião venceu. Ao final, uma pombinha branca, simbolizando a paz, trazendo no bico uma mensagem de amor para os homens, surgiu diante dos calorosos aplausos da multidão.

Havia uma peça que, depois de mostrar a figura do Divino Espírito Santo, em forma de pomba, fazia subir ao céu um grande projétil, e, lá, no alto, bem longe, no espaço, soltava três luminárias, muito claras, com tons azulados, que vinham descendo, devagarzinho, lentamente, com uma luz brilhante, suave e permanente. Eram lindas!

Por último, quando já se esgotava o programa das dezenas de “rodas de fogo” e dos “castelos de artifício”, ouvia-se um grande, enorme estrondo, que chegava a estremecer a terra. Parecia o tiro de um grande canhão, e uma bola de fogo subia ao céu, deixando um rastilho de faíscas a indicar a sua trajetória. E, lá em cima, o petardo explodia, sonoro, com ecos perdendo-se pelas quebradas, e, ao mesmo tempo, abria-se um enorme guarda-chuva de luz, com lágrimas coloridas, cintilantes, em abundância, completando o êxtase dos presentes.

O Rogério não era homem rico. Sofreu sérios revezes, mas nunca esmoreceu. Certa vez, numa manhã de sol a cidade estremeceu-se toda. Os caixilhos das vidraças pularam e as garrafas tremeram nas prateleiras. Parecia um terremoto a castigar esta terra. Era a fábrica do velho artista que explodia, levando para os ares tudo que ele possuía. A telhas quebraram-se em pedacinhos e um homem, irmão do França e do Zé Dias, morreu, sacrificado. Nem por isso o Rogério esmoreceu. Somente a morte o fez parar e, depois dele, ninguém mais fez “rodas de fogo” nem “castelos”, tão bonitos, nem alegrou o povo com as festas de cor, luz e beleza.

Não gosto do foguetório. Mas, com doce e terna saudade, revejo o velho Rogério e me alegro com seu deslumbrante ROJÃO.

ARTIGO

Educação, trabalho e prosperidade

Prosperidade é uma conquista de vocação humana para criar e compartilhar os meios que asseguram a sobrevivência e o bem-estar dos indivíduos. É a prosperidade dos empreendedores que promove a transformação constante das condições de vida das pessoas na região em que se encontram os empreendimentos mais produtivos também, com a aplicação do dinheiro proveniente dos atributos e a expansão dos negócios, em regiões distantes das cidades pioneiras na criação da riqueza.

A prosperidade torna-se sustentável quando as atividades humanas alteram as condições produtivas estimulando a revisão constante das estruturas de governo e gerência para adequá-las à promoção da capacidade humana de inovar. A sustentabilidade do modelo inovador eleva a criação de valor agregados ao meio de produção, aos bens de consumo e à diversificação e a qualificação de serviços.

Entre nós, ainda é grande o número de administradores do setor público e privado que resistem aos estímulos gestados no seio da nova realidade porque não admitem rever as próprias idéias. As consequências disso são a ineficiência e o desperdício de recursos no setor público e a perda de competitividade das pessoas.

Acreditando que têm a justificativa plausível para sua incapacidade de inovar e crescer, muitos

argumentam que é o próprio sistema econômico que engendra a tendência perversa de destruir os pequenos em benefício dos grandes. Insistem na idéia de que a luta de classes é um fator perturbador e incontrolável, e sonham com a mudança imposta por poder político ou militar que neutralizasse as contradições e regulasse todas as relações de modo completo e definitivo, fazendo desaparecer os conflitos de interesse para instaurar a perfeita tranqüilidade. É a utopia sobrepondo-se à antropologia.

Ora, os conflitos de interesse decorrem naturalmente da diversidade das necessidades humanas, dos motivos e do potencial criador das pessoas atuando individualmente ou vinculadas às organizações. E tais conflitos são o estímulo indispensável para a aquisição de novos conhecimentos, o desenvolvimento dos talentos profissionais e o empenho dos empreendedores ante tantos desafios. Os que negam a necessidade das contradições como estímulo do desenvolvimento das pessoas e das organizações fazem-no porque não compreendem a função da aprendizagem e do conhecimento como potencializadores da capacidade de sobreviver e crescer a alterando as condições do meio físico e social.

Os trabalhadores mais habilidosos e os melhores administradores são pessoas que valorizam o tempo da aprendizagem quando observam, estu-

dam teoria ou se preparam para alguma atividade específica. A simplicidade da função da educação escolar é desconcertante: intensificar a aprendizagem com a valorização consciente do tempo, promovendo o desenvolvimento dos indivíduos pela aquisição do conhecimento e o aprimoramento de suas habilidades visando a superação dos limites de cada etapa e a conquista da capacidade de conceber e criar valores que se agreguem aos objetos e às atividades para atender as necessidades humanas de sobrevivência, prosperidade, conforto, etc. Capital e trabalho não são portanto entidades antagonicas, mas dois campos de força da estrutura que é, ao mesmo tempo, econômica e social. E a tensão inerente a tal convivência é tão importante quanto à competição profissional e empresarial enquanto fatores que impulsionam as inovações e potencializam o processo de criação da riqueza material e dos bens culturais.

Quando as escolas se tornarem mais eficientes para ensinar os conteúdos da educação científica, das artes e da boa comunicação, as crianças e os jovens entenderão que o melhor sistema social e econômico é o que estimula e premia as pessoas pela dedicação à aprendizagem e ao desempenho profissional em clima de boa convivência.

Antônio de Deus
é professor

ESPAÇO DO LEITOR

ESCOLAS ESTADUAIS EM RUÍNAS

Nossa categoria está sendo massacrada pelo governador Alcides Rodrigues. Espero que em 2010 ele e seus partidários não se lembrem de pedir votos para os professores. Estou dedicando algumas horas do meu tempo para fazer campanha contra os candidatos da base do governo e será assim até 2010. Vou retribuir nas urnas o que ele está fazendo.

Estevam da Mota

Como pai de aluno de escola pública do Estado de Goiás e como eleitor do governador Alcides, estou muito triste com este governo que diz que a educação é uma prioridade, mas nada esta sendo visto. Os professores do Estado de Goiás ganham metade do salário dos professores do Distrito Federal e estão há mais de três anos sem um reajuste em seus salários, com escolas caindo aos pedaços.

Juliano Alves

JORNAL DO ESTADO DE GOIÁS

Organização Independente de Comunicação Ltda

- Administração, Redação, Edição
Av. Goiás, 776, sala 302 (Ed. Glória)
Cep: 75025-090
Fone: 3099-6100

- Impressão:
WAN Comunicação

Editor Chefe: Marcos Vieira (marcosvieira77@yahoo.com.br)

Editor de Arte: Normando Pereira Barros (npbarros@hotmail.com)

Repórter fotográfico: Ismael Vieira (ismaelvieira@hotmail.com)